

**GT 03 - ESTUDOS PÓS-COLONIAIS E PEDAGOGIA CULTURAL: NARRATIVAS
AUTOBIOGRÁFICAS NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR****RELAÇÕES INTERSEMIÓTICAS EM “THE HELP” E A VERSÃO FÍLMICA
“HISTÓRIAS CRUZADAS”: A NARRATIVA DE SI COMO FERRAMENTA DE LUTA E
RESISTÊNCIA**Giselle Oliveira da Silva¹
Débora Cristina Santos e Silva²**Resumo**

Falar da mulher negra em um contexto histórico é retratar uma herança cultural, o sentido de poder feminino, e suas relações em um espaço territorial inserido em uma sociedade essencialmente patriarcal e eurocêntrica, para tal utilizaremos para esse GT o filme “Histórias Cruzadas”, como também o livro que lhe deu origem, e que tem o título de “The Help” (No Brasil, “A Resposta”), da autora Kathryn Stockett. Partimos de contribuições de autores como Lucia Santaella e Roman Jakobson, que nos deram a base das traduções semióticas; Francisco Thiago Silva (2011) e Kabengelê Munanga (1986/1994), que nos auxiliaram a compreender a necessidade da discussão racial em sala de aula; Marisa Lajolo(1999) e Gean Paulo Santana (2012) que enriqueceram nossa pesquisa sobre a literatura afro, bem como Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), com observações sobre autobiografia e Elizeu Silva(2016) sobre a narrativa de resistência. A relevância da temática decorre da necessidade de por meio da história entender as conquistas dos negros, propondo também refletir que a década de 1960 foi uma década de significativas transformações políticas, culturais e comportamentais. Estudos dedicados à relação entre literatura e cinema são uma eficaz ferramenta para verificar as articulações entre distintos sistemas sógnicos, tais como o verbal/escrito e o audiovisual. Em sua condição de tradução intersemiótica, a adaptação fílmica é um privilegiado objeto para investigação científica no âmbito da literatura. Discutiremos a história de conquistas dos negros por meio do diálogo intersemiótico entre as versões literárias e fílmicas da obra, empregaremos também nessa discussão, as narrativas de resistência utilizadas pelas personagens. Associando ao contexto atual e brasileiro, apresentaremos a página do Facebook “eu empregada doméstica”, idealizada por Joyce Fernandes tencionando assim problematizar questões etnocêntricas e excludentes de uma classe intensamente objetivada, a das mulheres negras.

Palavras-chave: Literatura. Cinema. Narrativa. Racismo. Mulher negra.

¹ Bolsista PIBIC/UEG. Graduanda do curso de Letras do CCSEH/UEG. Pesquisadora do grupo de pesquisa ARGUS- Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento/ Diretório CNPq.

² Docente do PPG-IELT. Professora do Curso de Letras do CCSEH. Líder do Grupo ARGUS/CNPq. Bolsista BIP/UEG.

Introdução

Falar da mulher negra em um contexto histórico é retratar uma herança cultural, o sentido de poder feminino, e suas relações em um espaço territorial inserido em uma sociedade essencialmente patriarcal e eurocêntrica (LAJOLO,1999). A relevância da temática decorre da necessidade de, por meio da história, entender as conquistas dos negros, propondo também refletir que a década de 1960 foi uma década de significativas transformações políticas, culturais e comportamentais.

Com os avanços tecnológicos e a pós-modernidade, pode-se perceber um aumento de obras que passam pelo processo da tradução intersemiótica, ou seja, pela conversão de um meio semiótico a outros meios, a exemplo de obras adaptadas para a da televisão, o videogame e o cinema. Partindo da proposta de que o cinema passa pelo processo de tradução intersemiótica, este projeto propõe analisar o filme “Histórias Cruzadas”, tendo em vista o livro que lhe deu origem, e que tem o título de “The Help” (no Brasil, “A Resposta”), da autora Kathryn Stockett.

Nesse âmbito, nosso objetivo foi discutir sobre a história de conquistas dos negros, por meio do diálogo intersemiótico, relacionando as temáticas recorrentes às intersemioses textuais, assim como as configurações de interlocução na obra e os elementos que (re)significam a temática da discriminação racial da obra escrita para as telas, promovendo diálogos e reflexão sobre feminismo, em especial, o negro, por meio da leitura de autoras negras contemporâneas como Chimamanda Ngozi Adichie, e feministas brasileiras como Djamilia Ribeiro. Assim, nossa pesquisa partiu dos seguintes objetivos: a) Contribuir para um maior o interesse na artes da literatura e do cinema, através do diálogo intersemiotico entre a livro e a obra fílmica em questão; b) Promover conscientização relacionada ao racismo, bem como as conquistas dos direitos da população negra; c) Intercambiar as demarcações de identidade e discurso da mulher negra, provocando reflexões sobre o feminismo negro; d) Trabalhar o cinema e literatura como função social, política e histórica. O cinema tem um histórico de banalizar a figura do negro, assim como a literatura, como nos mostra o autor Eduardo de Assis Duarte em seu ensaio “Mulheres marcadas: Literatura, gênero, etnicidade”:

[...] a personagem feminina oriunda da diáspora africana no Brasil tem lugar garantido, em especial no que toca à representação estereotipada que une sensualidade e desrepressão “Branca para casar, preta para trabalhar, e mulata para fornicar” - assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher [...] (DUARTE,2009, online).

A relevância da temática decorre da necessidade de, por meio da história, entender as conquistas dos negros, propondo também refletir que a década de 1960 foi uma década de

significativas transformações políticas, culturais e comportamentais. É importante, enquanto educadores, assumir um papel de compromisso político de problematizar questões etnocêntricas e excludentes para trazer reflexão histórica e questionamento, estabelecendo subsídios para promover debates e construir análise, pois “é necessário que se construa, como possibilidade real, uma escola que se apresente como instituição social vocacionada pela promoção de uma educação democrática, plural e antirracista.” (SILVA, 2011, p, 43). E trabalhar habilidades de leitura e compreensão do texto visual é fundamental para a formação do aluno como ser pensante e questionador.

Procedimentos metodológicos

Foi feito o levantamento bibliográfico, com base em materiais convencionais, como livros, artigos, anais de eventos, revistas da área, entre outras fontes e suportes, no intuito de verificar a base teórica da temática abordada. Para isso, partimos de contribuições de autores como Lucia Santaella e Roman Jakobson, que nos deram a base das traduções semióticas; Francisco Thiago Silva (2011) e Kabengelê Munanga (1986/1994), que nos auxiliaram a compreender a necessidade da discussão racial em sala de aula; Marisa Lajolo(1999) e Gean Paulo Santana (2012) que enriqueceram nossa pesquisa sobre a literatura afro, bem como Maria Helena Menna Barreto Abrahão (2004), com observações sobre autobiografia. Utilizamos como apoio sobre a banalização da mulher negra na literatura o autor Eduardo de Assis Duarte (2009).

Desenvolvimento

Na trama em questão, é retratado o drama das empregadas domésticas negras, nos anos de 1960, num contexto de segregação e violência racial. Dentre os elementos constitutivos da obra, apontam-se as formas de enfrentamento, feminismo e resistências dessas mulheres, numa época de turbulenta luta pelos direitos civis dos negros. “The help” traz uma reflexão sobre a importância de se separar feminismo clássico do feminismo negro.

Os mecanismos hierárquicos presentes no filme são representados pelas patroas brancas, que usam formas de opressão em busca de legitimar racismo e violência. Entramos, então, no debate de categorias antagônicas em que brancos nascem livres e senhores dos negros. A obra (filme e livro) nos apresenta três personagens centrais que conduzem a história, Abilene, Minny e Skeeter.

Para a realização da transposição da obra escrita para a obra fílmica, é necessário entender as traduções das linguagens dentro do entendimento temporal. O exemplo indica que a

intersemiótica trata-se de um processo complexo, por não ser somente a tradução de diferentes códigos linguísticos, mas é preciso considerar o público, questões culturais, adaptação do tempo cronológico, pois quando determinado texto passa para o universo cinematográfico necessariamente sofre modificações; e essas alterações perpassam vários códigos de linguagem, pois lidam com o audiovisual, visual e de sentidos, como definiu Roman Jakobson: ocorre a “transmutação de um sistema de signos verbais em outro sistema de signos não verbais” (2008, p.16).

Essa verbalização é que intervém no processo de transposição, trazendo mudanças ou reduções nos diálogos, bem como no cenário e nas características físicas dos personagens. Percebe-se que no filme a violência sofrida pela personagem Minny, por seu marido, Roy, é reduzida até mesmo amenizada em relação ao livro, uma vez que, segundo o diretor Taty Taylor, poderia deixar o filme com o “clima mais pesado que o desejado”. Assim, as alterações do livro para o filme passam pelo processo artístico que envolve sensibilidade e criatividade.

Ao analisarmos os signos da tradução semiótica, constatamos que o objeto depende do signo, ou seja, neste contexto o objeto representa o signo, trazendo significado através da representação, levando ao destinatário (público) um resultado que é variável, como nos esclarece Santaella:

[...] um filme que nasce da adaptação de um romance é um signo desse romance, que é, portanto, o objeto do signo, cujo interpretante será o efeito que o filme produzirá em seus espectadores. Mas o romance em si pode também ser tomado como signo daquilo que o romance representa, seu objeto. (SANTAELLA, 2002, p. 08).

A busca pela identidade do negro não tem como objetivo apenas construir um novo discurso sobre um povo oprimido. Busca-se, na verdade, a construção de um novo lugar social para a pessoa negra, que ressignifique profundamente a representação do corpo, da história e participação política. A conquista e reconhecimento da construção de uma identidade feminina étnico-racial constrói para a mulher negra uma nova relação social na qual se identifica o processo da narrativa de si compreende a subjetividade do homem, articulando caminhos de autoconhecimento e identidade, agregando valor pessoal e coletivo. Para indivíduos de uma classe historicamente objetivada, falar de si mostra uma singularidade que o faz “ser” no mundo, como afirma Abrahão (2004, p. 25): “As (auto) biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse

processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, daquele que narra sua trajetória”.

A invisibilidade é o que naturaliza o racismo, escrever é se revelar, é dar voz, discutir temas que pautam a mulher negra também é conscientizar, celebrar a sua afro descendência provendo auto estima e orgulho, dando ferramentas de enfrentamento frente aos desafios numa sociedade ainda tão marcada pela desigualdade e preconceito. Trazemos para a nossa discussão, a página do Facebook **Eu, empregada doméstica**, idealizada por Joyce Fernandes, antes empregada doméstica, que hoje é professora de história. A página denuncia relações abusivas entre patrões e trabalhadoras domésticas, sobretudo mulheres negras. Os relatos divulgados na página reúnem histórias e depoimentos que ilustram que, ainda hoje, há maus tratos sofridos por profissionais domésticas. Não é somente um espaço de discussão protagonizado por mulheres negras reunidas em questões étnicas, é ferramenta de luta e resistência, resistir ao racismo e lutar por direitos iguais, no contexto da narrativa de si como forma de empoderamento.

O propósito de analisar os diálogos do filme com as narrativas da página “**Eu, empregada doméstica**” foi discutir a conquista e reconhecimento que a construção de uma identidade feminina étnico-racial constrói para a mulher negra, uma nova relação social na qual se identifica. Com efeito, o processo da narrativa de si compreende a subjetividade do homem, articulando caminhos de autoconhecimento e identidade, agregando valor pessoal e coletivo. Para indivíduos de uma classe historicamente objetivada, falar de si mostra uma singularidade que o faz “ser” no mundo, como afirma Abrahão (2004, p. 25): “as (auto)biografias são constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida. Esse processo de construção tem na narrativa a qualidade de possibilitar a autocompreensão, o conhecimento de si, daquele que narra sua trajetória”. A esse respeito, assinala, ainda, Mundanga:

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (MUNANGA 1994, p. 177-178).

As discussões relacionaram os temas recorrentes às intersemioses textuais, assim como as configurações de interlocução na obra e os elementos que (re)significam a temática da discriminação racial da obra escrita para as telas. Aprofundamos o tema *Feminismo negro* empregando a

pesquisadora e filósofa Djamila Ribeiro, importante ativista dos direitos das mulheres negras. Para isso, utilizamos trechos de uma matéria escrita por ela para a revista Carta Capital “Quem tem medo do feminismo negro? ”:

Em obras sobre feminismo no Brasil é muito comum não encontrarmos nada falando sobre feminismo negro e isso é sintomático, feminismo pra quem? É necessário de uma vez por todas entender que existem várias mulheres contidas nesse ser mulher e romper com essa tentação de universalidade que só exclui” (RIBEIRO, 2015, online)

Considerações Finais

É importante, enquanto educadores, assumir um papel de compromisso político de problematizar questões etnocêntricas e excludentes para trazer reflexão histórica e questionamento, estabelecendo subsídios para promover debates e construir novas opiniões, pois “é necessário que se construa, como possibilidade real, uma escola que se apresente como instituição social vocacionada pela promoção de uma educação democrática, plural e antirracista.” (SILVA, 2011, p, 43). Ademais, trabalhar habilidades de leitura e compreensão do texto visual é fundamental para a formação do aluno como ser pensante e questionador.

Nessa breve reflexão, buscamos abordar a tradução intersemiótica de um meio impresso (verbal) para um meio visual (não-verbal), trabalhando a questão da discriminação racial, das lutas e conquistas dos direitos de pessoas excluídas, a partir das artes e literatura. Reconhecemos que a narrativa de si é uma importante ferramenta para diálogo e informação, além de contribuir com efeito para uma reflexão social, surgindo assim como um instrumento significativo de ação transformadora e de conscientização

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (Org.) **A aventura (auto) biográfica** – teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004

CARTA CAPITAL. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/escritorio-feminista/quem-tem-medo-do-feminismo-negro-1920.html>. Acesso em: 17 abr. 2017.

DUARTE, Eduardo de Assis. Mulheres marcadas: Literatura, gênero, etnicidade. **Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários**. Minas Gerais, UFMG, 2009. (online)

HISTÓRIAS Cruzadas. Direção: Tate Taylor. Estados Unidos: 1492. Pictures / Imaginativo Abu Dhabi FZ / Harbinger Pictures / DreamWorks SKG / [Produção]. Filme (146 min.), NTSC, color. Título original: The Help.

JAKOBSON, R. **Linguística. Poética. Cinema.** 2ed. São Paulo, Perspectiva, 2007

LAJOLO, Marisa. Romance Epistolar: o voyeurismo e a sedução dos leitores. **Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ.** Encontros de Escritores; Rio de Janeiro: UFRJ, ano 2, v.2. p. 61-75, 1999.

MUNANGA, Kabengelê. **Negritude:** usos e sentidos. São Paulo, Ática, 1986

MUNANGA, Kabengel. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris(Org.) **A cidadania em construção:** uma reflexão transdisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994

MUNANGA, Kabengelê. **Superando o racismo na escola** 2 ed, Secad, Brasília, 2005

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002